

ORIENTE, OCIDENTE: A FIGURA DO MIGRANTE EM SALMAN RUSHDIE

Fernanda Mourão*

RESUMO:

Salman Rushdie, em Oriente, Ocidente, joga com as oposições binárias em torno das quais o pensamento ocidental é organizado, ao mesmo tempo tentando desconstruí-las. Neste trabalho, analiso o tema da migração nas histórias de Rushdie, bem como a importância que a figura do migrante adquire no projeto de Rushdie de se repensar o mundo atual.

PALAVRAS-CHAVE: *migração, hibridismo, exílio.*

Mais conhecido como o autor do polêmico *Versos satânicos* que foi condenado à morte, Salman Rushdie é um escritor cujos trabalhos anteriores, como *Os filhos da meia-noite* e *Vergonha*, já demonstravam uma prosa sarcástica e anunciavam a controversa obra por vir. Acostumado a ser tratado de forma pejorativa pelos colegas de escola, Rushdie é hoje aclamado como uma importante figura na literatura inglesa contemporânea. Adorado por uns, detestado por outros, Salman Rushdie está longe de ser ignorado. O autor ganhou a notoriedade de que precisava quando Ayatollah Ruhollah Musavi Khomeini, autoridade máxima do Islam, declarou sua sentença de morte – lá chamada de *fatwah* – em 1989. Ironicamente, a fama poderia ter lhe custado a morte. Hoje, livre da condenação e com Khomeini morto, Rushdie carrega o mesmo fardo. O fundamentalismo, bem como as próprias atitudes de Rushdie, transformou o escritor em um eterno exilado que, em sua recente visita à Índia, teve que se disfarçar mais uma vez – um estrangeiro em sua terra natal.

Rushdie elege o migrante como uma figura central em suas obras, dotando de voz essa personagem com a qual o autor pode facilmente se identificar. Três dos

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literaturas de Expressão Inglesa), 2002.

mais importantes trabalhos de Rushdie – *Os filhos da meia-noite*, *Vergonha*, e *Os versos satânicos* – se inspiram no tema da migração. Através da figura do migrante, Rushdie explora a complexidade da noção de identidade. O interesse do escritor em discutir esse tema pode ser compreendido quando consideramos sua vida, sua escrita, a figura do duplo em suas histórias, bem como os benefícios de que muitos personagens usufruem por serem migrantes, apesar de essa se apresentar sempre como uma condição conflituosa.

O próprio Rushdie pode ser considerado uma personificação da figura do migrante. Nascido na Índia, formado na Inglaterra, forçado pelos pais a se mudar para o Paquistão, e, finalmente, exilado na Inglaterra novamente, Rushdie nunca foi bem aceito em nenhuma de suas "casas" – um conceito permanentemente questionado pelo autor. Enquanto na Inglaterra Rushdie era considerado muito diferente e exótico, de volta à Índia ele foi ridicularizado pelo seu perfeito sotaque britânico e acusado de ter se corrompido no ocidente. No Paquistão ele ainda é considerado um infiel e um blasfemo. Nos *Versos satânicos*, temos um claro exemplo da relação entre sua vida conturbada e sua ficção quando uma experiência é narrada em que o personagem, no primeiro dia de escola na Inglaterra, é obrigado a comer um tipo de peixe estranho para ele e não pode contar com a ajuda de ninguém, sofrendo muito naquela situação. É dito então que o garoto, ao final da refeição, promete para si mesmo se vingar, e que aquela refeição forçada havia sido sua primeira vitória, seu primeiro passo para conquistar a Inglaterra (Rushdie, 1988: 137).

Essa metáfora da Inglaterra como um "prato estranho" para se comer – e que ao mesmo tempo *deve* ser digerido – ilustra bem as idéias de Rushdie a respeito da necessidade de se "conquistar" a Inglaterra através da língua inglesa, de forma que o processo de des-colonização possa ser completado. Já que uma das principais características da opressão imperial é o controle sobre a língua (Ashcroft et al., 1995: 7), Rushdie afirma que "conquistar a língua inglesa pode significar o desfecho do processo que nos tornará livres" (Rushdie, 1991: 17). O autor afirma ainda que o escritor indiano, não tendo opção de rejeitar a língua inglesa – seus filhos vão crescer falando o inglês, talvez como primeira língua – deve se apropriar do idioma, na construção de uma identidade hindu-britânica.

Salman Rushdie se considera um "homem traduzido" e, sua escrita, uma escrita migrante, um tipo de escrita que se move por entre culturas e línguas. E,

apesar de todas as dificuldades que o escritor teve que enfrentar, ele sustenta que há inegáveis vantagens em se ser um migrante, não apenas para o escritor, mas para a pessoa como um todo. Para usar a metáfora da tradução, sempre existem perdas e ganhos. Rushdie, por sua vez, sempre tenta enfatizar o lado positivo da condição do migrante: "Normalmente, supõe-se que algo se perde na tradução; eu me agarro, obstinadamente, à noção de que algo também pode ser conquistado" (Rushdie, 1991: 17). O autor acredita que é a partir desse hibridismo que a novidade pode surgir, e, tirando proveito desse seu entre-lugar, Rushdie equilibra com maestria temas e línguas tanto do oriente quanto do ocidente.

Nascido em um país que por muito tempo tinha estado sob o domínio do Império Britânico – Rushdie nasce em 1947, ano da independência da Índia – Salman Rushdie pode ser considerado um autor pós-colonial – um autor cuja escrita reflete a experiência do imperialismo. Contudo, ele se coloca nesse grupo sem fazer de sua literatura a representação de um movimento em defesa das margens e que quer combater tudo o que venha do chamado "centro". Ao contrário, Rushdie enfatiza que escritores pós-coloniais são inevitavelmente escritores internacionais, e, à maneira de Borges, devem escolher seus precursores. O próprio Rushdie, então, lista uma seleção de nomes que inclui, entre outros, Gogol, Cervantes, Kafka, Melville e Machado de Assis, reconhecendo na literatura um fenômeno extra-territorial, e se colocando como um escritor "do mundo". Rushdie admira escritores que não se prendem a nenhuma fronteira, que são capazes de viver em trânsito, literalmente e literariamente: "*Literatura tem pouco ou nada a ver com o endereço de um escritor*" (Rushdie, 1997: xv).

De acordo com Rushdie, ser um escritor migrante, capaz de escolher suas influências, é uma condição privilegiada. O escritor aponta que a ficção é um meio de se aprimorar a própria realidade, já que ela freqüentemente quebra paradigmas e revela outros lados do real. Ele diz que "re-descrever um mundo é o primeiro passo para transformá-lo" (Rushdie, 1991: 14). E, nas três obras anteriormente citadas, essa re-descrição é papel do narrador migrante. E isso acontece exatamente porque o migrante é aquele que é, ao mesmo tempo, um *insider* e um *outsider* em uma sociedade, aquele que pode oferecer uma visão menos ingênua dos fatos, que pode oferecer o ponto de vista do outro. Aquele que, tendo estado do lado do outro, se revela mais consciente do que os nacionalistas declarados. Na verdade, Salman Rushdie rejeita

o que ele chama "a armadilha de se escrever *nacionalisticamente*" (Rushdie, 1997: xv), bem como a adoção de uma "mentalidade dos guetos" (Rushdie, 1991: 19), que é quando se esquece que há um mundo além da comunidade à qual se pertence.

Rushdie considera o "exílio interno" menos proveitoso que o exílio propriamente dito, já que este possibilita experiências mais ricas para o escritor. É por isso que se faz necessário, para todo escritor que deseja ter uma visão mais clara do seu país e do seu povo, "outrar-se" e experimentar diferentes identidades. "Para nascer de novo, primeiro você tem que morrer" (Rushdie, 1988: 6). Em outras palavras, a migração é um processo doloroso, mas libertador. Para se reescrever a história, como Rushdie quer, é necessário que se dê novas versões aos fatos que não as versões oficiais do poder, e o escritor que tem a perspectiva do migrante, que ocupa também o lugar do outro, pode melhor falar da condição pós-colonial e, com sua visão particular, contribuir para uma redescrição e conseqüente melhora da presente realidade. É por isso que Rushdie rejeita a "literatura nacionalista", a "literatura de gueto", desejando, ao contrário, uma literatura que rompa barreiras, que alargue as fronteiras do possível (Rushdie, 1997: xv), que misture influências e que escreva não apenas sobre a Índia e para os indianos, e sim do mundo para o mundo.

ORIENTE, OCIDENTE

"O Oriente é o Oriente, e o Ocidente é o Ocidente, e nunca os dois se encontrarão" (Kipling, 1990: 190). É esse verso, do também indiano Rudyard Kipling, que inspira Salman Rushdie na publicação de sua coletânea de contos intitulada *Oriente, Ocidente*. A tentativa de se colocar esses dois mundos juntos é sugerida desde o título, que incorpora a figura do duplo, como se os dois mundos só pudessem ser vistos como os dois lados de uma mesma moeda. Assim, Rushdie comenta Kipling não apenas apresentando oriente e ocidente juntos, mas especialmente transmitindo a idéia de que eles *não podem* ser separados.

No livro em questão, o *locus* de enunciação de Rushdie é o mundo cosmopolita, onde as fronteiras geográficas, culturais e artísticas tendem ao desaparecimento. De acordo com Edward Said, depois da experiência do colonialismo, o mundo se constitui de "territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas" (Said, 1994a: 61). Nesse sentido, as noções de "oriente" e "ocidente", para Said, não passam de ficções (Said, 1994b: xi).

Nesse contexto, uma das principais preocupações de Rushdie é reformular a história de seu tempo, apresentando uma imagem que reflete o fato de que, na atualidade, as identidades estão inegavelmente fraturadas tanto pelo imperialismo quanto pelo processo de globalização. Assim, a idéia de *casa*, para Rushdie, apenas pode se referir a "ficções, (...) pátrias imaginárias, Índias do pensamento" (Rushdie, 1991: 10).

Oriente, Ocidente é a obra ficcional de Rushdie que vem desnaturalizar tais oposições binárias como oriente / ocidente e colocá-las de volta ao seu *status* de ficção, único lugar possível para elas, de acordo com Said. O livro, que reflete bem essa impossibilidade de se pensar a cultura nos dias de hoje de forma essencialista, é dividido em três partes: "Oriente", "Ocidente" e "Oriente, Ocidente", cada uma contendo três contos. Nesse trabalho, Rushdie apresenta os mundos oriental e ocidental como suplementos mútuos, desconstruindo as oposições binárias em torno das quais o pensamento ocidental é organizado. Oriente e ocidente são apresentados de forma a minar quaisquer relações hierárquicas: nas duas primeiras partes, podemos visualizar cada mundo, e, na parte final, ambos estão juntos, em uma tensão permanente. É interessante, ainda, notar a escolha da vírgula no título ao invés de, por exemplo "Oriente e Ocidente" ou "Oriente – Ocidente", possibilidades consideradas pelo autor. Rushdie diz que quando pensava no título, a parte mais importante dele era a vírgula: "Porque eu sinto que eu sou aquela vírgula – ou pelo menos que eu habito aquela vírgula" (Goonetilleke, 1998: 131). Em *Oriente, Ocidente*, esses dois mundos são colocados no mesmo nível, lado a lado, uma escolha que pretende desfazer qualquer oposição, com a vírgula indicando a compreensão de mundos distintos, mas interconectados; talvez inseparáveis, mas que permitem a figura do sujeito *in-between* como o próprio autor.

Indo além, podemos eventualmente concluir que Rushdie desconstrói sua própria divisão do livro nas partes "oriental" e "ocidental", já que todas as histórias acontecem em um mundo onde as duas culturas coexistem, se entrelaçam, e uma justaposição de referências se faz visível. Rushdie usa técnicas dos contadores de história orientais bem como da tradição ocidental para criar um outro mundo, um *terceiro* mundo. De fato, a visão de Rushdie sobre o hibridismo pressupõe, muito mais do que uma conciliação entre duas coisas diferentes, a própria abolição de modelos binários e a emergência do "terceiro espaço" a que Bhabha se refere (Bhabha, 1998: 165), este sim, permitindo o surgimento de novos e inesperados posicionamentos.

Esse "terceiro lugar" é o lugar da tradução, do movimento, da migração. E talvez esse seja o ponto de partida para uma leitura dos contos de Rushdie. Na coletânea em questão, o mais importante é, parece-me, muito mais que o conteúdo das histórias em si, o trabalho de *deslocamento* que Rushdie opera na língua de forma a realizar seu desejo de contra-atacar – contra-escrever¹ – o centro. Fazendo um uso particular, um uso menor – de acordo com Deleuze e Guattari – de uma língua maior que é o inglês, Rushdie imprime a marca do outro em seu texto, reafirmando seu posicionamento contra qualquer idéia de centro fixo. E é preciso se dizer *qualquer idéia* porque ele não propõe a alteridade, ou o deslocamento, como um novo centro, mas sim *a própria idéia de centro em constante deslocamento*. Nunca tomando partido, é através da apropriação, subversão da língua inglesa que Rushdie é político – no sentido em que ele contribui para outras interpretações da realidade. Se, para Rushdie, a literatura é uma forma de se melhorar a realidade, seu engajamento, em *Oriente, Ocidente*, é primeiramente com a forma (tanto da língua, da linguagem, quanto da organização do trabalho), algo que Roland Barthes afirma ser a responsabilidade essencial, o engajamento primeiro do escritor (Barthes, 1997: 17).

Trabalhar com a forma, deslocar padrões estabelecidos: eis o trabalho do escritor que vê o mundo com olhos migrantes. A figura do migrante, ou do estrangeiro, emerge como um emblema em nosso mundo contemporâneo, uma figura que chama a atenção para as urgências de nosso tempo, que ameaça as classificações binárias utilizadas na construção da "ordem". Em *Oriente, Ocidente*, a figura do migrante é o elemento desestabilizador, a interrogação perturbadora, o estranhamento que existe potencialmente em todos nós. Essa figura se faz presente não apenas de

forma temática mas principalmente no próprio trabalho com a língua, o que poderíamos chamar de uma "escrita migrante". Faz-se importante salientar a significância que uma escrita como essa adquire em um mundo que não se apresenta como unitário, e sim múltiplo, cheio de ambigüidades, um entrelaçamento de paisagens nas quais todos os tipos de fronteiras não passam de ficção. Neste contexto, os contos de Rushdie, na maneira como são organizados, adquirem o profundo significado de uma narrativa a respeito da substância ficcional a partir da qual as noções de oriente e ocidente são construídas.

É ainda oportuno lembrar Julia Kristeva, quando ela diz que o estrangeiro é uma figura que "começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros" (Kristeva, 1994: 9). Em *Oriente, Ocidente*, Salman Rushdie nos convida a ler o mundo com olhos migrantes, a adotar a mobilidade do estrangeiro já que estamos todos, inevitavelmente, à deriva. Em nossa inerente nostalgia pelo passado, pela *casa*, devemos reconhecer nosso próprio estrangeirismo em um presente estranho e, mais que pontos de chegada, procurar maneiras de nos mover. Em *Oriente, Ocidente*, nunca chegamos a uma resposta, a uma solução. Ao contrário, a única resposta possível pode ser que a língua, ou a literatura, ou o espaço da ficção, se torna o único lugar para se viver e, no movimento da escrita, o ponto de chegada se revela, finalmente, como uma eterna partida.

Podemos ficar, então, com uma bela imagem de *Oriente, Ocidente*, uma imagem que Rushdie toma do filme *Os desajustados* (*The misfits*, no original), onde cavalos são puxados em direções opostas. Na história de Rushdie, o jovem narrador – que Rushdie declara ser ele mesmo – recebe seu passaporte britânico e descreve sua excitação em ser finalmente capaz de ir e vir, de estar para sempre em trânsito, encarando as tensões e as alegrias de se viver como um migrante, consciente de que ele nunca mais poderá encontrar um destino definitivo:

Tornei-me cidadão britânico naquele ano. (...) E o passaporte de fato, de várias maneiras, libertou-me. Permitia-me ir e vir, fazer escolhas que não as que papai desejaria. Mas também eu tenho cordas em torno do meu pescoço, tenho-as até hoje, puxando para esta e aquela direção, Oriente e Ocidente, os laços apertando, ordenando: *escolha, escolha*.

Pinoteio, bufo, relincho, empino-me, escoiceio. Cordas, não as escolho. Laços, laçarias, não escolho nenhum de vocês, ou ambos. Estão ouvindo? Recuso-me a escolher. (Rushdie, 1995: 224)

NOTA:

1. Fazendo um trocadilho a partir da série *The empire strikes back*, Rushdie escreve *the empire writes back to the centre*.

ABSTRACT:

Salman Rushdie, in East, West, plays with and attempts to deconstruct the binary oppositions around which western thought is organized. In this paper, I analyze the theme of migrancy in Rushdie's stories, as well as the importance the figure of the migrant acquires in Rushdie's project to reformulate our contemporary world.

KEY WORDS: *migrancy, hybridity, exile.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The empire writes back*. London: Routledge, 1995.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves, Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- GOONETILLEKE, D. C. R. A. *Salman Rushdie*. N. Y.: St. Martin's Press, 1998.
- KIPLING, Rudyard. *The complete verse*. London: Kyle Cathie, 1990.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RUSHDIE, Salman. *Oriente, Ocidente*. Trad. Melina R. de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RUSHDIE, Salman. *The satanic verses*. London: Viking/Penguin, 1988.
- RUSHDIE, Salman. *Imaginary homelands. Essays and Criticism, 1981-1992*. London: Granta; New York: Penguin, 1991.
- RUSHDIE, Salman. "Introduction". *The Vintage book of Indian writing*. Rushdie, Salman; West, Elizabeth. London: Vintage, 1997.
- SAID, Edward. *Culture and imperialism*. New York: Knopf, 1994a.
- SAID, Edward. *Representations of the intellectual*. London: Vintage, 1994b.